

LA GUERRE AU XXIe SIÈCLE

Laurent Murawiec, Editions Odile Jacob, Paris, 2000, pp. 297, ISBN 2-7381-0755-9

A origem desta obra resultou de um estudo efectuado pelo autor em 1997 para a delegação de negócios estrangeiros do Ministério da Defesa de França. Tratou-se por conseguinte, de um trabalho oficial que visava elucidar as autoridades francesas da evolução da pesquisa científica e técnico-militar e da doutrina estratégico-militar dos EUA tendo em conta as transformações geradas pela revolução tecnológica, cibernética e informacional em decurso, evolução essa que gerou no pensamento estratégico americano o conceito de *Revolution in Military Affaires*, ou RMA. Em suma, a obra de Laurent Murawiec é uma impressionante análise das transformações que a revolução tecnológica decorrente provocará na forma como as Forças Armadas se defrontarão num futuro mais ou menos próximo, visão contudo centrada, como não podia deixar de ser, tendo em conta o objectivo do texto, na forma como o pensamento estratégico-militar americano tende a observar. Apesar desta unicentricidade não deixam de ser os EUA a liderar a dita Revolução nos Assuntos Militares, facto que não tem deixado de amargar a Europa, claramente em atraso no processo.

A obra estrutura-se de forma clássica, segundo o modelo da análise estratégica, com os dois primeiros capítulos discorrendo sobre o ambiente de onde emergirá, e onde evoluirá a conflitualidade do futuro, o primeiro sobre a ambiência geopolítica, geoeconómica e geoestratégica, e o segundo sobre a mutação gerada pela revolução tecnológica e científica, e seu efeito nas estruturas sócio-organizativas. Os capítulos três e quatro analisam a arquitectura do futuro campo de batalha e os capítulos cinco e seis permitem entender as novas modalidades da doutrina e da estratégia militar, assim como de organização das Forças Armadas. Os dois últimos capítulos fazem o contraponto entre o dinamismo inquisitivo e inovador dos EUA e a lentidão ou paralisia dos seus mais directos concorrentes, a Europa, a Rússia e a China, assim como um breve exame crítico da perspectiva da *Revolution in Military Affaires*.

Segundo o autor, todas as revoluções tecnológicas tendem a reduzir a massa por meio da produtividade reduzindo a matéria ao seu conteúdo útil, o que significa que cada vez menos matéria é necessária para produzir determinado produto, isto é, faz-se cada vez mais com menos, menos massa por mais produtividade, gerando uma progressiva desmate-

rialização, possibilitando aligeirar os conteúdos e os fluxos, multiplicando a informação e aumentando a descentralização, que reforça por seu turno todo o processo de diminuição da massa e de desmaterialização dos recursos/produtos. Esta evolução tende a conduzir-nos a um novo patamar tecnológico, com menos volume para mais eficiência, baseado na miniaturização e na nanotecnologia, no desenvolvimento dos microprocessadores e da electrónica, multiplicando os serviços e a quantidade de informação disponível. Todo este processo conduz a um atenuar da burocracia, à descentralização e desregulamentação, e à desintermediação nas relações económicas, políticas e também nas estrutura das Forças Armadas.

Como afecta esta evolução o campo de batalha? Laurent Murawiec começa por nos lembrar que a evolução deste resultou da tendência multimilenar para uma cada vez maior dispersão das forças devido à letalidade do poder de fogo. A tecnologia despovoou o campo de batalha, ao mesmo tempo que a techno-ciência militar e a complexidade organizativo-económica das forças militares empenhadas tenderam a fazê-lo migrar para outros espaços. Assim, a importância da acção dos combatentes no campo de batalha e sua decisividade foi lentamente esvaziada em prol do aumento do peso do capital e da ciência na guerra, passando a tecnologia a ser aquilo a que hoje denominamos um multiplicador de forças. Para o autor o cerne da nova revolução na estratégia militar está na informação, que possibilita a criação de um *big brother* militar, tornando todo o campo de batalha visível, e todas as acções do inimigo reconhecíveis e detectáveis antes de terem efeito, permitindo replicar e destruir essas capacidades antes de estas serem usadas. Tudo o que se move cria turbulência, pode ser detectado e destruído. Assim, os soldados do século XXI mover-se-ão num universo físico e cyberespacial onde a sua assinatura será visível, e onde os elementos chave do combate serão a informação, a comunicação e a conectividade, a informação que garante que se verá o inimigo mais cedo do que ele nos verá, a comunicação que permite que se receba toda a informação tratada em tempo real, isto é, mais rapidamente do que o adversário a consegue, para garantir que este pode ser atingido primeiro, e que possibilita a conectividade, que assegura que forças dispersas e longínquas possam interagir sobre determinado objectivo no tempo e no espaço, em tempo real e sempre bem informadas, obrigando igualmente a uma mais vasta descentralização organizativa.

Esta evolução põe em causa o princípio napoleónico que sustenta há séculos a estratégia militar, o efeito da massa. Segundo Napoleão, a força de um exército derivaria da massa multiplicada pela velocidade, ou segundo Clausewitz, concentrar massa para convergir fogo e choque o que explica, segundo o autor, que nas eras militares onde impera o princípio da concentração o poder militar se centre num dado sistema, no Mar, os Couraçados antes da e na Grande Guerra, ou desde a Segunda Guerra Mundial nos Porta-Aviões, e em terra, no Carro de Combate. Mas o poder de fogo, inicialmente, e depois a visibilidade do campo de batalha obrigaram e obrigarão à dispersão dos meios, como já aconteceu com as guerrilhas no Vietname: desconcentrar e dispersar para bater o inimigo em escaramuças e em confrontos menores. A concentração perde peso em detrimento dos efeitos, já não interessando as massas, mas os efeitos das acções sobre a capacidade do inimigo. O cerne da acção é a rede informacional conectável, comprimindo o espaço, acelerando o tempo, emassando os efeitos, não as massas, multiplicando a produtividade militar. Esta evolução obriga a uma mutação dos meios militares clássicos, como seja o desaparecimento de alguns e a menoridade dos outros, sendo que o centro de gravidade dos meios bélicos se transfere de um ou mais sistemas físicos para a rede comunicacional, sendo por isso lógico que o centro de gravidade da batalha passe a ser o aparelho conceptual e comunicacional das forças empenhadas.

As armas do futuro na óptica do autor serão por isso distintas de muitas das que hoje conhecemos, com o progressivo desaparecimento do Carro de Combate e do Porta-Aviões, em detrimento respectivamente da infantaria, cada vez mais especializada e organizada segundo o modelo das Forças especiais. Os submarinos, distintos dos actuais, serão a longo prazo capazes de lançar mais engenhos e de transportar forças militares para operações anfíbias, apoiados por bases móveis, segundo uma estrutura próxima das torres petrolíferas, com a multiplicação de sistemas robotizados, como os *Drones*, já hoje existentes, mas cada vez mais aperfeiçoados e diminutos graças às nanotecnologias, e dotados de capacidades de ataque, a hipervelocidades, o desenvolvimento de armamento assente na engenharia molecular e atómica, e a emergência de micro-armas. Em suma, o predomínio da velocidade, da furtividade, da dispersão, que reforçam as armas pequenas, mas altamente destrutivas, o papel da infantaria, equipada com meios de elevada destruição (já hoje, o pelotão de infantaria está armado com meios de fogo fortes, nomeadamente pela

multiplicidade de metralhadoras ligeiras, duas ou três em cada secção, pela possibilidade de cada infante carregar uma arma portátil ligeira anti-carro, guiada ou não, e pelo apoio de um ou dois mísseis anti-carro mais pesados), e tendendo a integração do homem e da máquina, os uniformes biónicos, e dos submarinos ou *Drones*, com muito maior capacidade de dissimulação e furtividade/invisibilidade.

Neste ponto observa-se um dos paradoxos da guerra do futuro, que o autor não percepçiona de todo e que é por um lado a obsessão com a informação e com a conectividade e, por outro lado, a importância decisiva da furtividade/invisibilidade e da dissimulação. No início do século XX, e durante todo o século XX, pode-se dizer que as formas da batalha foram uma luta entre poder de fogo e protecção. No século XXI, pelo contrário, o confronto será em última análise entre informação/conhecimento e furtividade/invisibilidade. Esta evolução contraria a perspectiva do autor quanto ao fim da incerteza na guerra e no campo de batalha (uma idiosincrasia típica da acção militar na óptica de Clausewitz) derivada das tecnologias de reconhecimento e informação. Mas quem conseguirá garantir que tudo o que se vê é real e é tudo o que lá está? De facto, ao que parece, apesar da enorme superioridade informacional dos EUA/OTAN face à Jugoslávia, muitos alvos estratégicos e táticos, graças a uma sábia dissimulação e furtividade não foram detectados, nem destruídos, nem muitos dos alvos destruídos eram efectivos objectos de importância estratégica, mas erros de informação (para nos lembrar, o caso muito mediatizado da embaixada chinesa).

Laurent Murawiec apresenta, contudo, algumas das críticas que são lançadas contra a Revolução nos Assuntos Militares não deixando, no entanto, de, nas entrelinhas, nos fazer sentir o fascínio e talvez o convencimento de que as virtualidades desta, são muito mais vastas que os seus defeitos. Basicamente são referidas três grandes críticas: a) negligenciar a iniciativa do inimigo; b) não incluir o elemento humano; c) tecnomania. De facto, apesar do autor reconhecer que as virtualidades das chamadas estratégias assimétricas podem condicionar a visão mais linear e tecnicista da Revolução nos Assuntos Militares, assim como a dificuldade psicológica dos americanos em compreender o outro, o americano vê-se como sendo a essência do humano e, por isso, todos os desvirtuamentos da sua visão do mundo são errados e um mal a combater. Laurent Murawiec não deixa de salientar que a crítica à tecnomania é relativamente infundada, referindo em seu abono a perspectiva de um dos pais desta, Andrew

Marshall, de que a revolução se-lo-á só quando a dimensão técnica for integrada e interagir com as dimensões organizacionais e conceptuais, e que estas são fundamentais para potenciar a nova tecnologia militar. Contudo, e pode-se começar por efectuar aqui uma análise mais crítica à obra, talvez derivado do fascínio do autor pela sociedade e pela tecnologia militar dos EUA, o livro fica demasiado preso às concepções dos visionários da *Revolution in Military Affaires*, e da tecnicidade característica da sociedade americana que se reflecte no peso da dimensão tecnicista que caracteriza todo o estudo (em abono do autor reconheça-se que era esse o objectivo do trabalho para o Ministério da Defesa francês). De facto, jamais emerge uma indicação sobre o modo como a dimensão superior da estratégia, isto é, a política, no modelo de Clausewitz, ou mais abrangentemente, as dimensões económicas e religiosas podem afectar a forma e o molde do conflito. Para Laurent Murawiec, como para os propugnadores da revolução militar em decurso, toda a questão se resume ao predomínio da informação e ao domínio do ciberespaço para assegurar a vitória no terreno. A guerra que eles estudam e travam é sempre convencional, é sempre com o uso de meios maciços de destruição, mesmo que só sejam convencionais, é sempre pura e estritamente militar, e contra inimigos que operam na mesma dimensão, como é visível até no modo como vêm as chamadas estratégias assimétricas, assentes em outro tipo de armamento, sobre a direcção de adversários de uniforme. Esta situação deriva de toda a concepção da *Revolution in Military Affaires* emergir do Pentágono ou serviços afins, a chamada Comunidade de Defesa, e estar como que eivada de uma perspectiva puramente militar da estratégia e da acção agonista. De facto, em última análise, mesmo quando se referem às estratégias psicológicas ou informacionais, a racionalidade não sai do campo de batalha, mas centra-se nele, é guerra psicológica contra o inimigo no campo de batalha, é a informação assumida transformada em arma no campo de batalha. Não deixa igualmente de ser sintomático que a questão do elemento humano se concentre nas dimensões organizacionais e conceptuais, isto é, na potencialização do uso das armas de nova tecnologia por homens que saibam utilizá-las o melhor possível. O elemento humano é assim tido em conta e até muito considerado, mas sempre inserido na dimensão tecnológica e científica da guerra e do uso do armamento.

E contudo, como salienta Martin Van Creveld (Cf. o Autor, *The Transformation of War*, 1991), a evolução da guerra desde a Segunda

Guerra Mundial, derivada do poder destrutivo das armas nucleares e depois dos meios convencionais cada vez mais poderosos e destrutivos tendeu a penetrar pelas brechas destes e a tornar-se cada vez mais de baixa intensidade, sendo hoje caracterizadamente o conflito mais comum. Esta forma de guerra evidencia-se por sobrepor a dinâmica superior da estratégia, a estratégia total ou geral, e à estratégia as dinâmicas políticas, sejam elas de carácter religioso, civilizacional, ou até, em última análise de mera luta pela existência, levando à diluição e esvaziamento do vector militar clássico como instrumento da guerra, tornando as armas, ou o grosso das armas, instrumentos inúteis e onerosíssimos de um campo de batalha para o qual não estão nem preparadas, nem vocacionadas. Face ao terrorismo, ou às acções de guerrilha urbana, ou mesmo à resistência civil, ou à combinação mortífera e desgastante de todas estas acções de guerra, a *Revolution in Military Affaires* arrisca-se a nada dizer. E, no entanto, os EUA que sofreram 148 mortos na Guerra do Golfo, tiveram mais de 200 mortos no ataque terrorista à sua embaixada em Beirute em 1982, igualmente, tiveram 2 mortos por acidente no conflito do Kosovo, mas mais de dez mortos no recente ataque terrorista ao *Destroyer* USS Cole no Iémen, como que demonstrando que face à impossibilidade de travar uma guerra convencional simétrica, os inimigos dos EUA derivaram para acções globais de ataque, numa guerra de usura onde o terrorismo e a surpresa predominam, e que se tem revelado muito mais mortífera que as confrontações convencionais. Israel não perdeu a guerra contra o Hezbollah no Sul do Líbano, uma milícia mal equipada do ponto de vista da guerra convencional, mas que custou ao Estado hebreu mais mortos que muitos dos conflitos convencionais que teve. Como referia o ensaísta e filósofo Ernest Junger, mais do que as armas técnicas, aéreas ou atómicas, é o espírito da liberdade que deve presidir à reorganização dos exércitos (cf. o Autor, *O Passo da Floresta*, Lisboa, 1995), o que nos devia fazer lembrar que a guerra é um acto civilizacional e social ligado sempre a determinada forma de sentido sócio-comunitário, e que a expressão dessa guerra resulta sempre do modo como cada sociedade se observa e observa os outros.

Esta enorme revolução surge fundamentalmente nos EUA, o que leva Laurent Murawiec a reflectir sobre as suas causas, fundamentalmente para confrontar o dinamismo da nação americana com a paralisia de inovação que se observa nos outros lados. Para o autor, o eixo desta vantagem resulta da fluidez social derivada de uma sociedade assente

num contrato povo-governo e numa percepção social de os EUA serem uma sociedade experimental, não enraizada, que estimula o gosto pela inovação, a mobilidade social e a meritocracia. Nomeadamente, o autor contrapõe a lógica institucional da carreira típica da França (e poderia acrescentar, também típica em Portugal), com a aceitabilidade da mutabilidade das actividades profissionais nos EUA, que ao possibilitar maior inter-contactividade entre conhecimentos distintos, promove a inovação. Comparativamente, os europeus e os chineses parecem continuar centrados na investigação incremental que aperfeiçoa as tecnologias de armas existentes em vez de pensar em tecnologias de armas novas. Só na ex-URSS é que se concebeu e se entendeu toda a dimensão da nova revolução, contudo devido à deliquescência russa, a competição tecnológica é hoje impossível.

A revolução tecnológica será contudo, malgrado o pendor tecnicista, mesmo incluindo a dimensão humana do pensamento militar dos EUA, um factor decisivo, até porque também não se pode considerar como garantido que não se travem guerras de carácter mais convencional, mesmo entre potências de média dimensão. Neste campo, as tecnologias emergentes dos laboratórios e dos gabinetes de estratégia dos EUA serão fundamentais, visto aumentaram efectivamente e decisivamente o potencial de força dos exércitos com elas equipados. Os apelos feitos por importantes líderes europeus e o esforço que se começa a notar em alguns países para seguirem as pegadas dos EUA, nomeadamente em França, são elucidatórias (somente 10% dos aviões europeus utilizados no conflito com a Jugoslávia tinham capacidade de efectuar bombardeamentos de precisão, e só a França pôde dar uma contribuição decisiva para ataques nocturnos, e da Grã-Bretanha vieram os poucos mísseis de cruzeiro que a Europa utilizou. Cf. Elinor Sloan, "Responder à Revolução nos Assuntos Militares efectuada pelos EUA", *Notícias da OTAN*, Primavera-Verão de 2000, p. 4.). Neste campo, a visão de Laurent Murawiec, pese a forte dimensão tecno-científico-militar do texto, é de leitura obrigatória porque descreve de forma agradável, acessível e tecnicamente esmerada e bastante precisa as transformações que a guerra, nas suas modalidades mais convencionais, poderá sofrer no século XXI.

António Paulo David Silva Duarte